

NOTA EDITORIAL

Este número da **Revista de Geografia**, do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tem como justo e especial objetivo a comemoração dos 40 anos do lançamento da obra **Teoria e Clima Urbano**, de autoria do Professor Doutor **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro**.

Trata-se de louvável homenagem - muito bem-vinda - idealizada pelos Professores Doutores **Edson Soares Fialho** (Departamento de Geografia / Laboratório de Biogeografia e Climatologia) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e atual presidente da ABCLima (Gestão 2014-2016) e **Ranyére Silva Nóbrega** (Departamento de Ciências Geográficas / Laboratório de Climatologia Tropical) da UFPE, que afortunadamente lograram a proeza de reunir, numa só empreitada, contribuições as mais variadas e de inúmeros autores brasileiros e estrangeiros, engajados em diferentes instituições de ensino e pesquisa, espalhadas pelas cinco grandes regiões político-administrativas do país ou sediadas em três destacados centros urbanos europeus (Turim, na Itália; Madri, na Espanha; e Porto, em Portugal).

Os artigos aqui publicados abordam temas muito importantes para a **Climatologia Geográfica**, mas não somente, pois também possibilitam debates e discussões em outros setores do conhecimento científico, o que valoriza a interdisciplinaridade e amplia - ainda mais - o alcance desse conceituado periódico geográfico.

O presente número, ao comemorar a inestimável contribuição de **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro** à **Geografia**, em particular à **Climatologia**, cujos primeiros e fundamentais estudos remontam aos meados do século passado, num enorme esforço pessoal dedicado à revisão conceitual de clima e à adoção da noção de ritmo climático, não apenas homenageia a fase inicial da carreira do **Mestre** como, também, revela o alcance das suas proposições especificamente voltadas ao **clima urbano**, em seus **diferentes canais de percepção**.

Basta um simples passar de olhos pelo sumário deste número especial para que o leitor consiga formar uma ideia bastante aproximativa dos conteúdos que o aguardam - ao longo de toda a edição - bem como da abrangência dos mesmos.

Nesta oportunidade, gentilmente concedida pelos colegas **Edson Soares Fialho** e **Ranyére Silva Nóbrega**, idealizadores e responsáveis por este número, eu gostaria de destacar - uma vez mais - a importância da contribuição oferecida pelos estudos do Professor **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro**, sem a qual a **Climatologia Geográfica** no Brasil estaria repetindo - simplesmente, ainda hoje e *ad aeternum* - metodologia estrangeira, calcada em procedimentos pouco adequados à nossa realidade climática.

É necessário destacar que em **Teoria e Clima Urbano**, tese que **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro** apresentou ao concurso à Livre-docência junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), é formulada uma abordagem original, dirigida aos estudos do clima urbano, precisamente designada **Sistema Clima Urbano (SCU)** e seus três **Canais de Percepção: I-** Conforto Térmico (Subsistema Termodinâmico), **II-** Qualidade do Ar (Subsistema Físico-Químico), e **III-** Impacto Meteórico (Subsistema Hidrometeórico).

Ao mesmo tempo, nessa obra capital, a metodologia que já vinha sendo empregada pelo **Mestre** e seguidores, voltada à **análise rítmica em climatologia** e aos **tipos de tempo**, é então avaliada, ponderada e posta à disposição dos interessados em dar-lhe o devido prosseguimento investigativo.

Quem estiver motivado a **(re)visitar** o primeiro capítulo dessa tese, intitulado "*A abordagem ambiente em Geografia: evolução de uma linha de investigação, do autor, da causalidade à qualidade ambiente*" (p.19-50), encontrará importantes considerações, como as que seguem:

"Ao propor a série de estudos atmosféricos em sucessão habitual sobre um lugar, Sorre revoluciona a conceituação de clima." (p.23)

"Parece-me, assim, claro que o paradigma climatológico - ritmo - insiste em colocar sobre as propriedades intensivas - o tempo e seu desempenho sequencial - a maior responsabilidade em revelar a natureza do clima." (p.24)

"Se não existissem as imperiosas razões biológicas, essa já seria, pelo menos, razão suficiente para conferir ao ritmo - o paradigma sorreano - o ponto de partida para a pesquisa geográfica do clima, por ser ele o fundamento causal que possibilita a organização biológica e antrópica dos espaços, mas que não é, de nenhum modo, uma distorção, de vez que o ritmo é intrínseco à natureza física da atmosfera." (p.28)

"A perseguição da meta do ritmo de pulsação atmosférica tem sido tentada, não pelo levantamento total dos tipos de tempo, mas pelo seu encadeamento sequencial. As estratégias rudimentares da procura de anos-padrão representativos dos extremos -

mais difíceis de identificar - e caracterizadores do *habitual* - bem mais difíceis de alcançar - por exigir análise em segmentos temporais mais amplos, têm constituído a preocupação básica de um programa de pesquisa." (p.30)

"A reformulação conceitual de Sorre, para aqueles que a aceitam, como é o meu caso, pretende deixar bem claro que nossa preocupação não reside na projeção dos atributos extensivos da atmosfera sobre a superfície terrestre. Que essa projeção não seja apenas estimada através da descrição dos valores médios dessas propriedades. Que não sejam reduzidas separativamente em seus elementos discretos, mas, sim, na compreensão do seu comportamento, visto através de uma propriedade intensiva, com seus elementos associados." (p.33)

Deparar-se-á, ainda, com indagações muito perspicazes, dentre as quais foram selecionadas as seguintes:

"Será que o ritmo também não é o fundamento mesmo do comportamento hidrológico e geomorfológico?" (p.28)

"Não será também o ritmo climático um importante mecanismo regulador das atividades agrárias, agroindustriais e, mesmo, de outras formas de exploração econômica?" (p.28)

"E o que esperar, então, de um espectro de seriações dos estados atmosféricos que nos permitisse colher a gama variada das irregularidades, reveladoras dos desvios extremos, e caracterizadoras do *habitual*?" (p.29)

"Em face do confronto do gráfico de análise rítmica com o desenvolvimento sequencial do fenômeno em foco, estabelece-se inicialmente uma dúvida. Recorrer à tipologia dos estados atmosféricos?" (p.38)

Merece destaque especial a ponderação que **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro** oferece à última indagação acima transcrita, pois ele afirma que:

"Todos eles [seus orientandos] desistem dessa opção, sobretudo por escrúpulos naturalmente justificados pela limitação temporal da análise. Todos [os seus orientandos] têm certeza de que a catalogação completa dos tipos de tempo não foi integralmente levantada. Associar o fato à atuação globalizada na atuação ou liderança do tempo pelo sistema atmosférico, surge sempre como outra opção, também abandonada, de vez que sob a atuação de cada sistema, aparecem situações de tempo sensível e progressivamente diferentes. Termina-se sempre convergindo para a opção de que o desenvolvimento sequencial deve ser colocado entre duas passagens sucessivas da frente polar atlântica. Do mesmo modo, os diagnósticos sazonais ou regionais são sempre avaliados em termos do espaçamento entre essas atuações frontais. Tal fato é extremamente importante porque a explicação é sempre encontrada não no afastamento quantitativo de valores sucessivos, mas naquele "*retorno mais ou menos regular aos mesmos estados*" de que nos fala Sorre, e que é a própria expressão do ritmo." (p.38)

É com base nessa longa explanação do **Mestre** que eu gostaria de encerrar esta brevíssima nota. Faço votos, sinceros, para que este número da **Revista de Geografia** transcenda seu nobre objetivo e consiga atrair novos interessados, jovens geógrafos ou não, a usufruírem - sempre e mais - dos ensinamentos de **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro**.

Afinal, como bem sabemos, a utilização do **SCU** e de seus **Canais de Percepção**, proporcionou e continua proporcionando ótimos resultados à pesquisas que, ininterruptamente, multiplicam-se pelo Brasil afora.

Não terá chegado o momento de **(re)**tomarmos os **estudos rítmicos** e de **(re)**aplicarmos o **paradigma sorreano** à setores menos investigados que o das cidades? Com a palavra os que labutam na área da **Climatologia Geográfica**.

A todos, boa leitura!
João Afonso Zavattini.